

TRANSMUDAÇÃO

Sesc Confluências: arte em intercâmbio

Exposição de 11 de maio a 29 de junho de 2018

Galeria Sesc de Artes - Centro de Atividades do Sesc

Serviço Social do Comércio
Palmas - Tocantins
2018

©Sesc Departamento Regional no Tocantins
Quadra 301 Norte, Avenida Teotônio Segurado, Conj. 01, Lt
19, CEP 77.001-226, Palmas - Tocantins

Telefone: (63) 3219-9100
www.sescto.com.br

Distribuição gratuita

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610 de
19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser
reproduzida sem autorização prévia por escrito do
Departamento Regional do Sesc no Tocantins, sejam quais
forem os meios e mídias empregados: eletrônicos, impressos,
mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Transmutação - Palmas/ Sesc. Serviço Social do
Comércio. Palmas: Sesc, Departamento
Regional do Tocantins, 2018.
41 p. Edição português.

Arte. 2. Arte no Tocantins. 3. Artistas tocantinenses. 4. Pintura. 5.
Instalação. 6. Xilogravura. 7. Fotografia. I. Sesc no Tocantins. II.
Galeria Sesc de Artes. III. Título

CDD 700.8117

TRANSMUDAÇÃO

Sesc Confluências: arte em intercâmbio

Exposição de 11 de maio a 29 de junho de 2018

Galeria Sesc de Artes - Centro de Atividades do Sesc

SESC

Confluências



SESC- SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
PRESIDÊNCIA DO CONSELHO NACIONAL

Antonio Oliveira Santos
DEPARTAMENTO NACIONAL
DIREÇÃO-GERAL

Carlos Artexes Simões
DIRETORIA DE CULTURA
Marcos Henrique Rego
COORDENAÇÃO DO PROJETO

Márcia Costa Rodrigues - Gerente de Cultura
Caroline Souza e Jocelino Pessoa - Assessoria em Artes
Visuais
Natan Gomes - Assistente de Produção
Juliana Alberico Gutierrez - Ass. de Comunicação em Cultura

SESC-SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL NO ESTADO DO
TOCANTINS

PRESIDENTE DO SISTEMA FECOMÉRCIO
SESC/SENAC
Itelvino Pisone

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Marco Antonio Monteiro
GERENTES

Albacir Dias - Gerência de Desenvolvimento Social
Magda Floripes Ferreira Fernandes - Gerência Financeira
Valdinei Pinto da Silva - Gerência Administrativa
SUPERVISOR DO CENTRO DE ATIVIDADES
Henrique Miola
COORDENAÇÃO DE CULTURA
Veridiana de Cassia Barreto Cesarino - Supervisora
Vone Petson Pereira Branquinho - Promotor Cultural em
Artes Visuais

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Renato Klein - Coordenador de Comunicação
Janaina Freire - Publicitária
Ronaldo Coelho Teixeira - Assessor de Comunicação

TRANSMUDAÇÃO

ARTISTAS

Angélica Mendonça, Biannca Alencar, Brian Castro,
Bruno Cacuda, Santos, Gabriela Fernandes, Geuvar,
Luciana Andradito, Solange Alves, Pablo Marquinho, T.
Beraldi.

CURADORIA

Brian Castro, Luciana Andradito e Solange Alves

EXPOGRAFIA

Tiago Beraldi,

FOTOGRAFIAS

Angélica Lima Mendonça

PROJETO EDUCATIVO

Biannca Alencar, Gabriela Fernandes e Pablo
Marquinho - Concepção e planejamento
Luciana da Costa e Silva Andrade - Mediadora

CATÁLOGO

Marina Boaventura - Texto de apresentação do projeto
Lenon Júnior, Luciana Andradito e Solange Alves - Texto
curatorial.

Vone Petson - Editoração eletrônica

Geovana Lima - Revisão

Angélica Lima Mendonça - Fotografias

AGRADECIMENTOS

Alexandre Sequeira - Mediador Nacional

Marina Boaventura - Mediadora Local

Eliane Cristina Testa - Palestrante convidado

Marcial de Azevedo - Palestrante convidado

Noeci Carvalho Messias - Palestrante convidado

Sesc Confluências: arte em intercâmbio

O Sesc Confluências atua no fomento à pesquisa, prática e difusão nas artes visuais como incubadora artístico-cultural para o desenvolvimento de propostas que impulsionem novos fluxos poético-geográficos.

Em encontros imersivos colaborativos, artistas, curadores, críticos, gestores culturais e estudantes de arte reúnem-se em laboratórios culturais com mediadores, indicados pelo Sesc, para criar projetos coletivos em artes visuais a partir de necessidades locais. Além de encontros, o Sesc Confluências prevê, como suporte a imersão cursos, palestras, oficinas ou outras consultorias indicadas pelos participantes.

Em formato bianual, em 2015-2016, foi realizado simultaneamente nos estados do Pará, Paraíba, Piauí, Santa Catarina, Sergipe e Tocantins. Atualmente, está na edição 2017-2018 na Paraíba, Piauí, Sergipe e Tocantins. E iniciando a edição 2018-2019 em Alagoas, Maranhão, Minas Gerais e Pernambuco.

Atuando principalmente fora dos eixos convencionados da arte, chamados grandes circuitos, o Sesc Confluências colabora para uma análise localizada da produção artística contemporânea, contextualizando-a em fluxos, espaços, práticas, políticas, ideologias e tensões nacionais e internacionais. Lança mão, para isso, da reflexão coletiva e do intercâmbio de saberes, valorizando as diversidades e a singularidade das culturas regionais, convergindo a produção nacional contemporânea e fomentando as artes visuais de forma descentralizada.

Em um país de extensão continental, a diversidade artístico-cultural tem proporções equivalentes. Dessa forma, a difusão não hegemônica da cultura é essencial para garantir um sistema de arte democratizado a partir dos contextos regionais.

Entre as possíveis ações a serem produzidas estão a organização de catálogos, exposições, seminários e residências artísticas. O projeto gera também uma série de informações que fornecem subsídio ao Sesc para planejar a programação ofertada aos públicos de cada local, buscando ativar a cena e fortalecer o campo das artes visuais no país.

Percurso

Muitas são as formas de percorrermos um caminho, porém, ele só se inicia a partir da decisão de dar o primeiro passo. Assim também, foram os artistas que decidiram trilhar o caminho do conhecimento, da amizade e da profissionalização que o Sesc Confluências: arte em intercâmbio proporcionou. O primeiro passo foi a coragem de se inscrever. Ao longo do caminho alguns foram desistindo da caminhada e outros se juntaram ao grupo por perceberem que esse caminho os levaria a algum lugar especial - o protagonismo pessoal.

O conhecimento é como uma plantinha frágil que recebemos de presente de alguém. Alguns recebem e ao chegar em casa a abandonam em qualquer canto, pois não veem necessidade de tê-la consigo. Outros chegam, colocam-na em algum lugar e vez ou outra colocam um pouco de água. Estes percebem que ela é necessária, mas não é o mais importante. E existem ainda aqueles que ao chegar em casa cuidadosamente providenciam um vaso maior, trocam a terra, adubam e cuidam constantemente com carinho. Estes percebem na planta algo importante e uma possibilidade de transformação. A primeira planta com o passar dos dias morrerá. A segunda permanecerá viva, mas o espaço onde se encontra não proporcionará um crescimento e com o passar do tempo ela se tornará fraca, debilitada e também morrerá. Já aquela que recebe um vaso maior, adubo e todos os cuidados, florescerá, dará frutos e ainda se multiplicará. Assim também eu percebo o Sesc Confluências: arte em intercâmbio na vida dos artistas que participaram do projeto. Se acolhido ele possibilita uma transformação e gera frutos.

A exposição Transmutação, como o próprio título define, é uma transformação, um transmutar de consciência acerca do trabalho que cada artista desenvolveu e de conscientização de que o mundo contemporâneo exige cada vez mais uma postura profissional. E que a visão do artista como um ser iluminado não passa de um fantasma de névoa que aos primeiros raios do sol da manhã se dissipa. Fazer arte exige muito mais disciplina, pesquisa e esforço do que inspiração. Essa última, a inspiração, nasce da pesquisa e vivência que cada um traz consigo. O artista é um demiurgo que retira suas obras de uma massa caótica de informações e vivências que foi adquirindo ao longo dos anos. Mas essa massa caótica ele não as criou, foi acumulando-as ao longo dos anos. Dessa forma percebemos que “nada surge do nada” e tudo está em um constante devir.

Vone Petson

Promotor Cultural em Artes Visuais



Detalhe da Obra Antes da vitrine de Brian Castro

Confluir e Transmudar

Trata-se de uma exposição tecida por um coletivo de artistas com poéticas e linguagens bem diversificadas. Desses temos alguns com mais maturidade artística, por já trabalharem com arte, e outros iniciando a caminhada por esse universo, contudo, todos com o mesmo entusiasmo e comprometimento, assim se formou o grupo Confluências – 2017, no Tocantins. Desenho, colagem, pintura, gravura, escultura, quadrinhos, fotografia, grafite, moda, design, performance... diversas linguagens que por vezes se misturavam e enriqueciam as poéticas. Os confluentes cresceram na convivência, nos encontros e oficinas e isso de alguma forma contaminou o fazer artístico de cada um. Confluíram numa corrente caudalosa de conhecimento e ideias que provocaram transmudações. Lembrou-me aqui de uma frase do pré-socrático Heráclito de Éfeso: “aqueles que entram nos mesmos rios recebem a corrente de muitas e muitas águas, e as almas exalam-se das substâncias úmidas.”

A dinâmica de organização e de trabalho do grupo foi surpreendente. Entusiasmados eles se organizaram em grupos e coletivos, e juntos desenvolveram trabalhos pela cidade em grafite, xilogravura e performance. Alguns grupos de trabalho ainda perduram.

Durante o ano de 2017, foram vários encontros e oficinas ricos e produtivos.

Alexandre Sequeira, mediador visitante, realizou encontros produtivos com o grupo de confluentes do Tocantins e estes encontros foram de uma riqueza extraordinária, devido à maestria, o carisma e o conhecimento do mediador. Como as oficinas de Antônio Filho e Keyla Sobral que convergiram em um diálogo rico.

Keyla Sobral em seu encontro com os confluentes tratou o Artista como Produtor e falou da responsabilidade e a autossuficiência do artista, sobre o seu papel no contexto contemporâneo como um produtor de si mesmo. Sua oficina possibilitou aos confluentes se tornarem capazes de viabilizar seus próprios projetos artísticos, estruturando seu trabalho e refletindo sobre a cena artística atual.

Antônio Filho ministrou a oficina Portfólio e Currículo de Artista Visual e ajudou os artistas na construção do seu currículo e de um portfólio artístico.

Com a oficina do Artêmio Valter Filho, Texto de Artista: Escrita de Artista Visual os participantes puderam colocar em prática a sua escrita de artista, desde a construção de uma minibiografia até a produção de livros de artistas e ainda se atentarem para as diversas

formas de publicação.

Na oficina com o Jonas Esteves, os artistas tiveram acesso a informações mais precisas sobre as redes sociais e como utilizá-las para divulgação do trabalho de artes. Ele mostrou as diversas possibilidades do mundo contemporâneo, com seus prós e contras.

A viagem à Natividade foi rica culturalmente e reforçou a união do grupo.

Mirian Tesserolli, professora e artista visual, fez uma palestra sobre a mística Mãe Romana, o que preparou o grupo para uma visita ao sítio Jacuba, onde puderam conhecer a espetacular obra desta senhora. Com certeza foi um mergulho no universo místico/artístico da Mãe romana, universo este de um fantástico sincretismo religioso.



Momentos de descontração como o piquenique no riacho, a visita ao cemitério e o andar pelas ruas de pedra da cidade histórica de Natividade também tiveram sua importância. Conhecer a ourivesaria em filigrana, famosa nessa região que já teve muito ouro e provar as delícias da culinária regional como o amor perfeito, levou cada confluente a uma imersão nessa cultura tipicamente tocantinense. A visita às ruínas da Igreja da Nossa Senhora do Rosário dos Pretos foi impactante. A conversa com o Alexandre Sequeira e as sinceras orientações para cada artista seguir seu curso, aconteceu debaixo dos pés de manga, um momento especial naquele lugar mágico.

A oficina ministrada pelo mediador do Sesc Tocantins Vone Petson foi muito importante, pois a partir dela os confluente adquiriram conhecimento e estão colocando em prática todas as etapas da montagem de uma exposição de artes visuais. As atividades estão sendo realizadas em grupos e cada grupo é responsável por uma parte, que envolve desde a criação de uma identidade visual, textos, curadoria, expografia, ação educativa com elaboração de material didático, comunicação e divulgação da exposição. A exposição intitulada TransMudação aborda três eixos temáticos: Corpo e Transcendência, Tempo e Memória e Fluxo e Palavra.

É importante salientar que o recorte da Bienal Incerteza Viva vir a Palmas contribuiu muito para o crescimento de cada participante do Confluências 2017, pois estes puderam participar de palestras, oficinas, debates, dentre outras atividades que aconteceram em virtude da Bienal, além de alguns confluente participarem como educadores neste evento.

O ArteSesc Confluências no Tocantins se configurou com fluidez, potência e fertilidade, unindo pessoas e ideias que jamais haviam se aproximado. Posso afirmar que o grupo cumpriu a missão de confluir na arte. Os artistas mergulharam profundamente neste programa e juntos se alargaram... senão dizer trans-mudaram. Encerro com as palavras de Guimarães Rosa: "O rio não quer chegar, mas ficar largo e profundo..."

Marina Boaventura

Mediadora Local do projeto Confluências - Palmas, Tocantins.



Transmutação

O projeto Sesc Confluências: Arte em Intercâmbios tem como fio condutor a discussão, o mapeamento e a difusão das produções artísticas que acontecem à margem dos tradicionais circuitos partindo da arte brasileira. Agentes culturais, mediadores locais e visitantes contribuem nos encontros colaborativos para a análise dos contextos regionais de produção, possibilitando a identificação e o diálogo acerca dos circuitos, espaços, práticas, saberes, políticas, ideologias, tensões, convergências e particularidades de cada região.

Partindo dessa proposição, artistas tocantinenses selecionados pelo projeto Sesc Confluências vivenciaram experiências de encontros singulares ao longo do ano de 2017, que os conduziram a outras formas de pensar os processos artísticos, dentre outros. O mediador Alexandre Siqueira, no encontro inaugural do projeto, em Palmas, provocou o grupo uma série de discussões sobre a atuação dos artistas locais, provocação essa que os colocou exatamente como protagonistas neste circuito. Vivências e trocas de experiências, como a da residência artística no município de Natividade-TO, marcaram tão profundamente a formação artística do grupo, de modo que ficou possível notar seus vestígios permeando a finalização do projeto no arranjo da exposição coletiva “Transmutação”. Transmutação parte do conceito de mudança de lugar e estado, contrapondo-se ao estático e à conservação, fazendo referência ao processo de transformação de pensamento e do próprio fazer artístico vivenciado pelo grupo de artistas. A exposição desenreda-se a partir de três segmentos: Imanência e Transcendência, Tempo e Memória, Fluxo e Palavra.

“Imanência e Transcendência” diz respeito à poética do corpo e sua individualidade, o esgotamento físico e mental gerado pelo trabalho, e as questões de gênero são colocadas diante de temas relacionados à espiritualidade, o que leva o espectador ao ponto onde o material e espiritual se atravessam. O caráter transcendente das obras sugere a reflexão de problemas do passado não superados, como o trabalho análogo à escravidão que persiste na contemporaneidade; temas que tratam da perspectiva para o futuro, como as representações de desenhos e esculturas de Mãe Romana do Sítio Jacuba, em Natividade-TO.

“Tempo e Memória” são suportes de planejamento da obra. Objetos e imagens são forjados no espaço seguindo uma divisão linear no tempo nos levando a atravessar outros

presentes. Olhá-los significa desejar, esperar, estar diante do tempo. Nesse contexto, os artistas se propõem interrogar de maneira crítica, o tempo que compõe a obra de arte, visto que estamos diante de um presente que não cessa de se restabelecer pela experiência dialética do olhar.

“Fluxo e Palavra” trata da palavra como expressão, manifestação verbal ou escrita por um grupo de fonemas com significação, conjunto de sons articulados que expressam ideias e são representados pela grafia. Poesia visual, poesia colagem, poesia imagem, poesia a partir do drible do corpo aos obstáculos de um mundo conservador obcecado pela norma. Os afetos cortam as palavras, elas com seu forte poder evocativo orientam o olhar, organizam o pensamento, produzem imagens mentais que se relacionam e criam novos fluxos de imagens-palavras. A palavra em Transmudação também é suporte, conceito e ação na criação de obras de arte.

A exposição Transmudação marca o pulso do tempo na memória e no corpo. Trânsitos que alimentam a imaginação com palavras ressignificadas em imagens. Fluxos circulares, lineares, flutuantes e afetivos que confluem nas buscas espirituais e estéticas de cada artista da mostra.

Curadoria

Brian Castro, Luciana Andradito e Solange Alves

Fluxo e Palavra

Desaguar em afluentes, em um oceano, mar ou lago e ainda em terra firme. Ou então no ponto de junção entre fluxos d'água, que se reúnem para formar um novo rio: eis a confluência. A arte, esse mistério profundo que nos toma e arrebatada, é também produto de tal fenômeno, surge de encontros inesperados, de afluências as mais insólitas. Deus Fluxo, ó grande seiva da vida, pai do Tempo e da Possibilidade, sua natureza fez vicejar o Movimento e também aquilo que tão bem conhecemos por Acontecimento. Nada deixa se fixar. Nem mesmo os pretensos monumentos os quais chamamos Palavras. E assim são suas e, portanto, nossas palavras e sentidos, uma verdadeira dança de correntes heterogêneas em perpétuo desequilíbrio umas com as outras. Um interminável jogo de reinvenção que é fundamento da própria Arte.

Três artistas tocantinenses navegam entre Fluxos e Palavras, uma das temáticas da exposição Transmutação. Biannca Alencar desenvolve trabalhos nas áreas do teatro, poesia e performance. Apresenta nesta exposição uma obra que fala com poesia sobre seu processo artístico e as vivências durante o mesmo. Fúcsia demarca seu interesse no campo da linguagem e das poéticas híbridas. Em Transmutação mergulha metalinguisticamente numa colagem de imagens poéticas de narrativas pessoais. E Luciana Andradito pratica propostas híbridas em poesia, teatro e performance. Sua obra desdobra em poesia objetos cotidianos.

Luciana da Costa e Silva Andrade
Curadora da exposição, artista cênico performática, poeta

Fluxos de experimentação

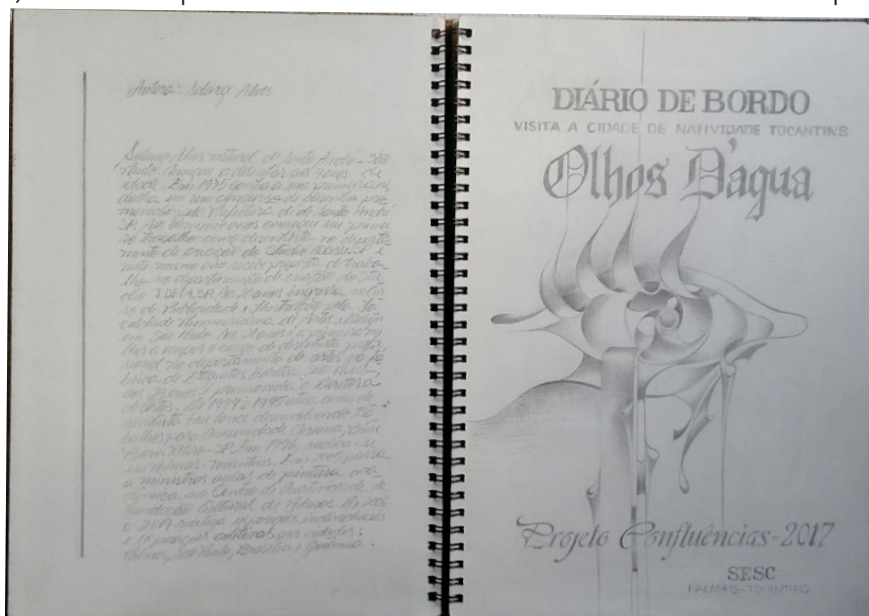
A criação pode ser feita de múltiplas conexões e interações, fato que pode tornar os objetos de arte mais complexos. Se a criação é concebida na complexidade, sua organização pode dar-se em sistemas de redes. A ideia de rede nos leva para outra, a de campos relacionais, em que as obras se desenvolvem a partir das suas inter-relações. Inter-relações essas que podem se dar em diferentes contextos e/ou matérias. No campo da arte contemporânea, vemos que a produção vem se complexificando cada vez mais por causa da interação entre as linguagens. Assim, as relações interartes, ou a combinação de diferentes mídias, se fazem cada dia mais presentes na produção artística. De tal forma que, muitas vezes, acabam por romper os limites dos códigos das artes engendrando e dispondo uma multiplicidade de processos disruptivos entre códigos e linguagens.

Hoje, o artista pode agenciar diferentes caminhos na arte, dentro de um fluxo de experimentações, no qual ele pode misturar as matrizes da linguagem criando entrecruzamentos de signos. Dentre os mais diversos exercícios intersignos, vemos uma vasta produção contemporânea a criar diferentes camadas poéticas intersemióticas ou intermídias. Não é de hoje (temos que considerar toda uma tradição da arte, em especial, o reinvestimento das “novas” formas de arte das vanguardas) que vemos as práticas artísticas convergirem para um atravessamento de fronteiras, antecipando nosso jeito de ser/estar no mundo e nossas relações com ele. Dessa forma, potencialmente, as matrizes da linguagem podem significar pontos (picos ou nós) abertos às mais diferentes combinações numa rede fluídica e de confluências. É pensando em uma das possibilidades de expressão artística que destacamos neste sistema de comunicação (que é a arte) o uso do código escrito (da linguagem verbal) como um veículo de expansão das fronteiras e um mecanismo (um dispositivo) que pode fazer surgir formas emblemáticas ou criar experiências simultâneas que integram condições de pluralismo. O uso desse sistema representacional cria instrumentos para que se interroge os sistemas de controle cultural, pois como afirma Aimee Selby (2009), “Colocar palavras dentro de um espaço pictórico cria imediatamente uma brecha nos códigos culturais”¹(SELBY, 2009, p. 17). Assim, esses tipos de fissuras ou “brechas”, além de desencadearem um tipo de afrontamento crítico, levam a indistintas tensões e redefinições das práticas da arte visual e de seus limites. Nesse contexto, temos que considerar o quanto têm sido provocativas as Bienais (ou outras grandes e importantes exposições espalhadas pelo mundo) que também tratam acerca da

produção visual que integra a palavra (a linguagem verbal ou signos verbais) como um modo de evidenciar como o fazer artístico é mediado por uma série de complexidades e expansões. Só para citar umas dessas Bienais, temos o exemplo da 30ª Bienal Internacional de São Paulo (2012), que teve como tema “A imanência das poéticas”, com curadoria do venezuelano Luis Pérez-Oramas, quem apresentou um conceito-norteador pautado nas ideias de ressonâncias constelares e nas variadas relações das obras com outras formas de arte, sendo elas: o cinema, o teatro, a música e os textos. Com isso, essa exposição importante reflete as dinâmicas do não-isolamento do universo das artes visuais.

Nesse sentido, sob diferentes estratégias, artistas (de ontem e de hoje) têm conseguido expandir os valores comunicativos das artes visuais, num afã de interrogar acerca das convenções de representação e dos limites (ideia de fronteira) das formas de arte. Os desdobramentos das linguagens trazem, cada vez mais, a ideia de fusão, por isso, as múltiplas formas de arte são incorporadas, cada dia mais, por processos intersemióticos graças às demandas de um mundo multimidiático e tecnológico. As relações dos artistas com as “novas” tecnologias acabam modificando suas práticas de criação e seus modos de ação. Torna-se importante ressaltar, também, que o artista em sua busca por captar experiências ou fragmentos da “realidade” faz do mercado cultural um modo de re/apropriação, aproveitando-se daquilo que já está em circulação no mundo das artes (na cultura). Lembremos que o artista alimenta a cultura assim como ele é alimentado por ela.

Detalhe da Obra Reminiscências de Solange Alves



Esse tipo de procedimento é definido por Nicolas Bourriaud (2009) como “pós-produção”, que, sinteticamente, pode ser explicado como um tipo de acréscimo, um tipo de anexação dos objetos já em circulação no mercado. Há uma ideia aqui de não partir de um material bruto, mas antes, usar os objetos da cultura como um repertório de formas, de imagens e de enunciados prontos para serem usados em procedimentos de reapropriação, de reprogramação e de bricolagem. Por isso, o mercado cultural é tão importante para o artista imerso em coleta sensível e intelectual, em especial, porque o artista naturalmente, hoje, se vê em meio a fronteiras borradas. Possivelmente, esses “borramentos” são reflexos de uma emergência tecnológica (dos meios eletrônicos e digitais) construtora de experimentações inovadoras, possibilitando amplamente processos de criação que contemplem múltiplos sistemas de sinais por meio de relações entre os signos. Desse modo, o artista pode se afastar de pensamentos fundamentalistas e tradicionais em arte (que delegam cada coisa em sua caixinha exata), abrindo espaço para uma crescente hibridização. Tal hibridização é voltada, amplamente, a integrar os códigos. Por exemplo, a fusão do visual e do verbal pode gerar superfícies de maior mobilidade, fluxos e diversidades culturais, propondo, às vezes, até mesmo uma “inespecificidade” na estética contemporânea, mas também pode significar um pensamento não-totalitário (diante de sistemas imperialistas e dominantes (de uso) da linguagem). Assim, o artista pode cartografar todos os meios e atravessar poeticamente a fluidez incessante do vasto e sempre metafórico oceano de dados, para apresentar uma comunicação expandida, mas que também implica sua posição de artista no mundo.

Eliane Cristina Testa

Lia Testa tem se dedicado à produção poética e à produção de obras-colagens (feitas à mão), é professora de Literatura Portuguesa da UFT/TO, Mestre em Letras e Doutora em Comunicação e Semiótica. Tem trabalhos publicados em revistas acadêmicas e literárias, participa de algumas antologias poéticas e é autora dos livros de poesia “guizos da carne: pelos decibéis do corpo” (Poesia Menor/SP, 2014) e “sanguínea até os dentes” (Patuá/SP, 2017).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOURRIAUD, Nicolas. Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
SELBY, Aimee. Art and text. London: Black Dog Publishing, 2009.

¹. *Placing words within pictorial space immediately creates a rift in cultural codes. (Tradução nossa).*

Tempo e memória

"Tempo e Memória" são suportes de planejamento das obras. Objetos e imagens são forjados no espaço seguindo uma divisão linear no tempo nos levando a atravessar outros presentes. Olha-los significa desejar, esperar, estar diante do tempo. Nesse contexto, os artistas se propõem interrogar de maneira crítica, o tempo que compõe a obra de arte, visto que estamos diante de um presente que não cessa de estabelecer pela experiência dialética do olhar.

Apesar de aparentemente abstrato, o tempo é uma vivência concreta e a memória, entre tantos conceitos e significados, é a atualização do passado no eterno presente. Metaforicamente falando a memória é como um oceano - profundo e imenso. Relembrar é uma atividade salutar, pois é na rememoração que reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade. Dentro do segmento "Tempo e Memória" os artistas trazem cada qual, o seu contingente de observações aproveitáveis àqueles que vêm depois.

Tiago Beraldi e Bruno Cacuda na construção da obra, no seu fazer coletivo, incorporam vivências individuais e, por decorrência, conformam no mínimo duas dimensões: temporal coletiva e temporal individual. Dimensões que, acopladas, conformam experiências únicas, através de uma dinâmica que reconstrói o passado ao tecer sua representação no presente, plasmando em um único enredo a trama das vivências coletivas.

Santos. Sua obra vem marcada por uma arrojada concepção social, pois ao trazer sua arte para dentro de um espaço que não o habitual o mesmo procura dar voz a um contingente de pessoas e artistas que ficam renegados à margem da sociedade. Sua obra envolve concomitantemente apropriação, diálogo, destruição e contribuição.

Pablo Marquinho através de imagens impressas faz um registro de experiências retidas, sua obra incorpora dimensões matérias, sociais, simbólicas e imaginárias contendo a força da cultura local como fontes para construção do conhecimento histórico.

Solange Alves trás narrativas sob forma de registros orais, escritos e visuais peculiares à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. As narrativas usadas pela artista possibilitam "pontuar entre o momento da fala e o eternizar da escrita, desvãos que vazam no tempo o sentido da existência" (Grossi& Ferreira, 2001).

Solange Alves
Curadora da exposição e Artista Plástica



Detalhe da Obra (Co)lapso de tempo de Bruno Cacuda e T. Beraldi

Matéria e transcedência

Matéria e espírito, permanência e transcendência são questões que desde as primeiras representações pictóricas estiveram atreladas com a arte. A arte surgiu com o sagrado e ao longo da História essa ligação com o sagrado não se dissipou. Vários artistas são influenciados por tais questões e nessa exposição os artistas Brian Castro, Geuvar Oliveira, Gabriela Fernandes e Pablo Marquinho utilizam essa matéria para criar o seu trabalho. O caráter imanente e transcendente está presente em suas obras, onde questões sociais, religiosas e culturais dialogam com contextos do cotidiano presente, confrontando-se com mistérios da vida terrestre convertidos em esperança de uma nova era de luz e paz. Tudo está sempre relacionado com uma maneira de afetar e de ser afetado, a forma com a qual um corpo recorta as forças do mundo. Desta forma o plano de imanência vai se tecendo, como num gigantesco tear, procurando manter os enlaces de suas ideias. A arte se faz no real, encarando o mundo, não virando o rosto para esta existência. Por isso a imanência é sempre e apenas em si mesma, não a algo superior ou exterior. Não há um além nem um detrás! A eternidade é aqui e agora, uma gigantesca roda que gira por si mesma.

Brian Castro traz em sua obra um convite à reflexão acerca da exploração do trabalho escravo no século XXI que alimenta o fetichismo das grandes marcas e do mundo da moda. Sua obra traça um contraste entre uma vida de glamour que é sustentada pela angústia e insegurança dessa mão de obra. A obra "Página de HQ" do artista Geuvar Oliveira traça um paralelo entre o passado e presente e como na obra de Brian ele traz discussões acerca do cerceamento da liberdade. Em sua obra Geuvar busca transparecer os sentimentos do povo negro que, há pouco tempo, foi submetido ao trabalho escravo e privado de exercer sua cidadania. Ele o faz em uma ruína de uma igreja católica de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos resgatando o transcendente na fé e na esperança de um mundo melhor. A obra "Página de HQ" faz também um cruzamento com a obra "Portais" de Gabriela Fernandes. Em "Portais" a artista busca trazer à tona a busca por autoconhecimento e o efeito da passagem do tempo, sobre cada pessoa, marcado por ciclos. Suas colagens são sobreposições de histórias e de vidas, do passado e do presente onde atravessar o portal é tomar consciência de si mesmo. Já na obra "Romana I" do artista Pablo Marquinho o caráter misterioso da obra da artista, conduz a questionamentos ainda mais profundos abordados pela técnica ancestral da Xilogravuras o artista retrata o posicionamento de uma mulher negra em uma sociedade que ainda persiste em ser racista. E ao mesmo tempo ele faz um paralelo entre dois tipos de artes marginalizados socialmente a criação naif de Dona Romana e o grafite de Santos. Ambas as artes que não

estão ligadas ao tradicional mercado da arte e da academia. A xilogravura de Marquinhos retratam as obras de Dona Romana, líder religiosa nativitana que também produz as mais variadas formas de esculturas utilizando pedras, arame, cimento e espelhos. Além dessa produção ela produz uma quantidade gigantesca de desenhos e escritos ambas produzidas segunda a cosmovisão dela para assegurar para toda humanidade a garantia de acolhimento, paz e segurança naquele local após o grande alinhamento do eixo terrestre que destruirá grande parte da vida no planeta.

As obras de Brian Castro, Geuvar Oliveira, Gabriela Fernandes e Pablo Marquinho nos auxiliam a pensar a realidade com suas mazelas e a partir dessa reflexão ter a esperança em um futuro melhor e mais igualitário.

Brian Castro

Curador da exposição, estudante de Teatro e artista visual.



Matéria e espiritualidade

Acho que tudo começou com o meu deslumbramento ao entender que poderia comprar uma caixa de lápis de cor. Eu estava fazendo nada no quintal de casa e tinha acabado de ganhar um dinheirinho do meu pai. Uns três dias antes me lembro de sonhar com essa caixinha, pequena, de seis lápis só. Acho que minha excitação era por conta de ser uma caixa tão pequena, com os lápis finos e menores do que os outros. Talvez já ficasse imaginando se poderia desenhar e colorir flores com mais detalhes ou até mesmo asas de fada com mais realismo com lápis tão delicados. E me lembro nitidamente da ideia se acendendo na minha cabeça, ao lembrar que tinha ganhado o dinheiro e que eu podia, sozinho, ir até ao supermercado comprar o tesouro.

Lápis de cor pequenos e delgados, asas de fada e uma alegria espantosa.

Sinto que a relação possível entre matéria e espiritualidade seja somente o grande exercício de produzir significados na vida. Quando lápis deixam de ser apenas lápis e se tornam a via expressa onírica de criações e expressões. E com uma proximidade entre o objeto e a ideia que parece não haver distinção entre um e outra. Por conta da alegria e expectativa imensas, o lápis é praticamente o arco-íris ainda não desenhado; o de cor azul já é o próprio céu, o laranja já é o pôr-do-sol encarnado, o verde já se torna a grama sob meus pés descalços no quintal.

A capacidade de dar infinitos sentidos a partir das imagens que vão se formando no sujeito provoca uma sensação de amplitude dentro do peito. Como se a correnteza do rio ficasse mais forte por ter aquele barco navegando nele. Os lápis caíram na correnteza da imaginação, e suas formas e cores e texturas fazem a cheia desse rio fluido e sinuoso que é o imaginário enquanto lugar psíquico.

A matéria, ao invés de definir e restringir, inspira e expande, ao mesmo tempo que indica e joga em um torvelinho de possibilidades.

E os significados são tantos e vários, que o tempo presente se adensa. Não há apego ao passado nem temor pelo futuro. Não há sequer tempo de pensar no tempo, em si ou em qualquer circunstância vivida no entorno. O aqui-agora é a realidade máxima e única, jogando fora todo o ruído mental e emotivo gerado pelo cotidiano. O pensamento racional se estagna porque no presente não há conclusão nem conceito, apenas se está em vivência. E apesar da sensação muito forte de alegria, o emocional também cessa porque a

percepção de um "eu" se dilui. Parece que não sou eu que estou feliz, mas a própria felicidade que se instaura naturalmente, como se estivesse a viajar no vento e resolvesse parar por uns instantes ali, naquele quintal.

Então se nem razão e nem emoção, o que resta é a ideia do espiritual, como um terceiro estado de entendimento sobre si e o mundo, uma terceira inteligência. A Dra. Dana Zohar, física e filósofa americana, sugere um quociente espiritual em que "ter esse alto quociente implica ser capaz de usar o espiritual para ter uma vida mais rica e mais cheia de sentido, adequado senso de finalidade e direção pessoal.(...) É uma inteligência que nos impulsiona. É com ela que abordamos e solucionamos problemas de sentido e valor."

O espiritual que faz você lançar uma rede dourada no mundo e iluminá-lo com sua criatividade, seus movimentos oníricos. Um poder transformador, alquímico, em que cadeiras viram naves espaciais, pessoas viram companheiros de guerra e sistemas solares viram portais de espaço-tempo para dimensões cruzadas. O espiritual não de fora para dentro, mal assombrado por fantasmas e demônios arquetípicos, mas de dentro para fora, habitado por saberes intuitivos e dúvidas transmentais.

Dez anos depois, os lápis foram trocados pelo meu próprio corpo. Corpo que começou a buscar sua dança pessoal, treinando e ampliando o poder da matéria em se projetar para além de si mesma. E as asas de fada continuaram asas de fada mesmo, agora com o nome de xamanismo.

Mas isso é para uma outra conversa... que acontecerá!

Marcial de Azevedo

Bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (1998) / Mestre em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2012) / Professor adjunto do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins - UFT (2013) / Performer, diretor, dramaturgo e professor de teatro com diversos trabalhos cênicos envolvendo corporeidade, mitologia e linguagens híbridas.



Yin Yang
Angélica Lima
Políptico: fotografia digital com luz natural
40x40cm e 30 x 40cm
2018

Ninho

Bianca Alencar

Instalação artística:

feno, barbante, almofadas, tela de
galinheiro, encadernação de papel
reciclado artesanal e poesias.

Dimensões variadas

2018



Antes da Vitrine

Brian Castro

Instalação artística: manequins, papel,
tecido, mala , gaiola, ferroe cola.

Dimensões variadas

2018





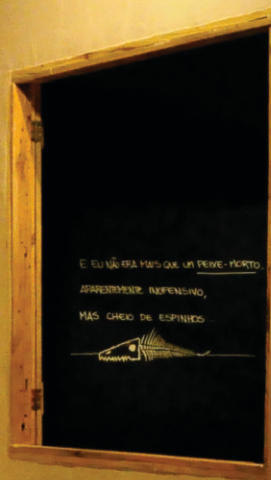
(Co)lapso de tempo

Bruno Cacuda e T.Beraldi

Instalação artística: madeira, compensado, tinta splay, escultura de madeira, esculturas de alumínio, bigorna, máscara, escudo para solda, luva e avental de raspa, impressão serigráfica, xilogravuras, croquis, marreta, tenaz.

Dimensões variadas

2018



111 estereótipos
Santos
Instalação artística: tijolos de cimento,
madeira, pintura sobre papel de pão colado
sobre MDF, espelhos e textos
dimensões variadas
2018





Portais

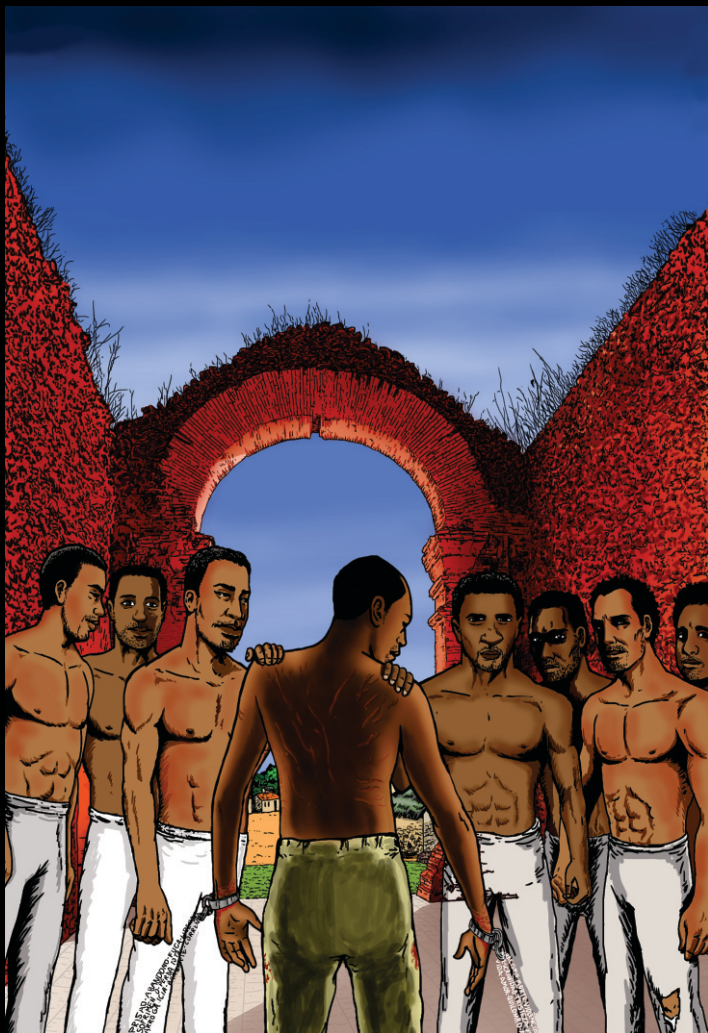
Gabriela Fernandes

Tríptico: colagem sobre papel cartão e
pincel atômico permanente.

42 X 59.4 cm

2018





Portais temporais

Geuvar Oliveira

Políptico:

Impressão digital sobre tecido

110 x 120 cm

2018



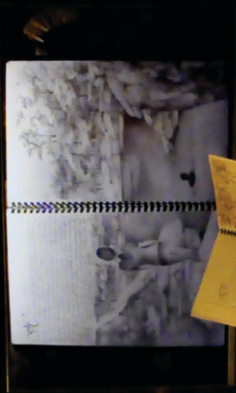
Sangria

Luciana Andradito

Instalação: guarda-chuva, pedras, poesia e
cabos de aço.

145x115 cm

2018



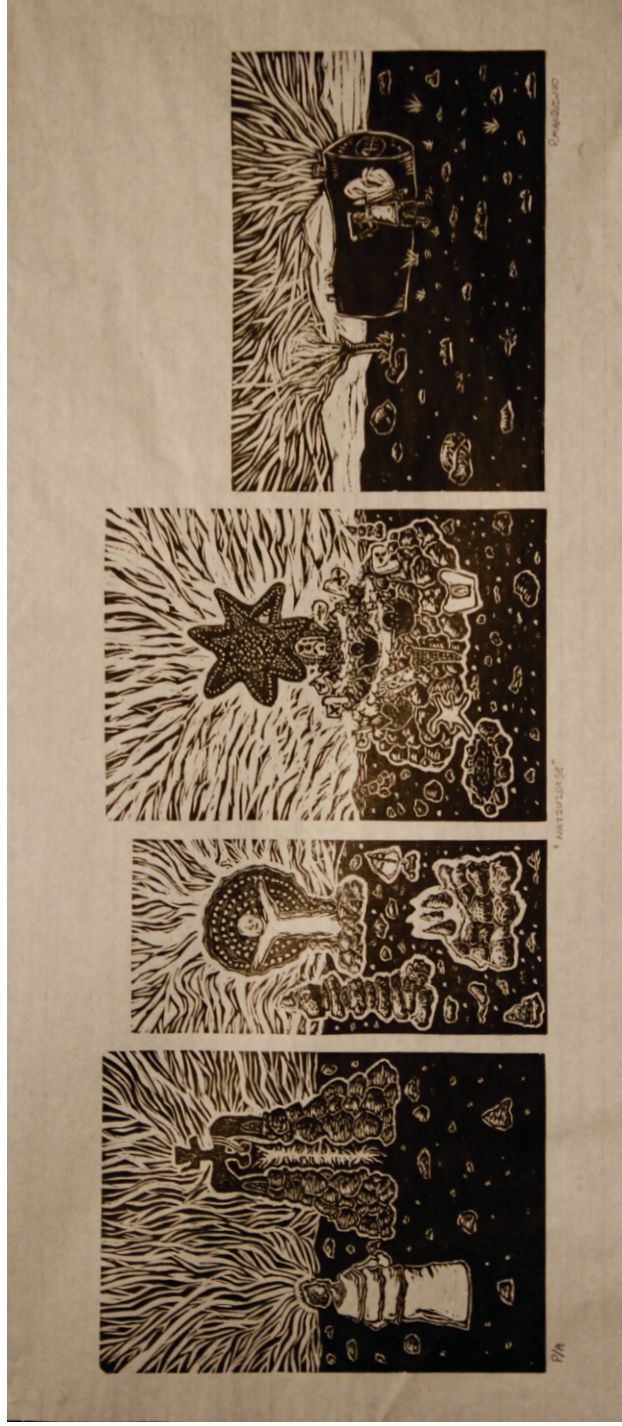
Reminiscência

Solange Alves

Instalação artística: mesa, cadeira, diário de bordo, vídeo
instalação, quadros óleo sobre tela, mala, luminária e folhas
de árvores.

Dimensões variáveis

2018



Natividade
Pablo Marquinho
Xilogravura sobre papel de arroz
89,5 x 30 cm
2018

Angélica Lima

Mulher, mãe, terráquea, apaixonada pela vida, jornalista, graduada pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Especialista em Ensino de Comunicação/Jornalismo: Temas Contemporâneos (UFT). Atua na Comunicação desde 2004. Já foi repórter e editora de cultura e variedades dos principais jornais do Tocantins; colaboradora em diversos veículos nesse Estado. Atualmente é repórter fotográfica no Governo tocantinense e desenvolve trabalhos autorais em Fotografia.

Biannca de Alencar Nogueira

23 anos, licenciada em Artes-Teatro pela Universidade Federal do Tocantins, Mestranda em educação - PPG- Universidade Federal do Tocantins, apaixonada pela arte e pela linguagem artística Performance.

Brian Castro

22 anos. Nascido em 07 de julho de 1995 em Araguaína-TO, cresceu em Palmas-TO. Atualmente é acadêmico de Teatro/Licenciatura pela Universidade Federal do Tocantins - UFT e produz roupas com estampas artesanais desde 2013. Transita entre o universo da moda e da arte urbana, criando e ressignificando peças do vestuário masculino e feminino a partir de influências dos movimentos modernistas e contracultura, tais como antropofagismo, movimento hippie, tropicalismo, punk rock e hip hop.

Bruno Cordeiro (Cacuda)

Formado em Rádio e TV pela Universidade Bandeirante de São Paulo – Uniban. Conheceu o Grafite na adolescência, mas foi em 2015 que retomou sua atividade após um hiato de mais de 10 anos, começando assim uma busca por seu eu artístico. Atualmente desenvolve uma pesquisa com o Grafite, fazendo um paralelo entre a cultura do povo brasileiro e a sabedoria de um samurai, sintetizados num personagem intitulado: calango samurai. Usando como solução gráfica as cores primárias.

Santos-142

Nascido em 03 de março de 1991, Cresceu em Nova Odessa, interior paulista. Seu envolvimento com arte se inicia em 2005 quando conhece a arte de rua e nela se engaja num caminho sem volta. Hoje desenvolve sua técnica de graffiti, pixo, stencil e lambelambe nas largas ruas de Palmas - TO, representando os Coletivos Zero63crew, Interioro19terror, Hojepixotudo e llovebombcrew

Gabriela Fernandes

Artista visual, curiosa, estudante, pesquisa e produz em artes visuais. Atua no universo infantil como professora. Instigada pela comunicação das cores, formas, traços e linhas. Desde 2015 apresenta uma narrativa com uso das cores em seu trabalho de artista, cores fortes (quentes), vibrantes, tons neon transformam-se em imagens. Pesquisa e experimenta técnicas mistas para criar suas obras.



Geuva Oliveira

Graduado em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa. (CEULP/ULBRA) e licenciatura em Artes – Teatro (UFT). Servidor público da rede estadual de ensino. Cartunista, quadrinista, ilustrador, com várias obras de quadrinhos lançadas no estado. Atualmente trabalha na SEDUC –TO. Mora em Palmas desde 1997, tendo trabalhado em vários jornais impressos como chargista e ilustrador.

Luciana Andradito

Artistavisual. Estudou Artes-Teatro na Universidade Federal do Tocantins. Integra o grupo de teatro Lizete desde a formação em 2010. Desenvolve propostas híbridas no campo das artes e investiga o corpo como principal elemento estético. Inventa rituais e desenha palavras.

Solange Alves

Solange Alves natural de Santo André - São Paulo. cursou Publicidade e Ilustração na Faculdade Panamericana de Artes e Design em São Paulo. Aos 21 anos é a primeira mulher a ocupar o cargo de desenhista profissional no departamento de criação da Fábrica de Etiquetas Helvetia em São Paulo. Aos 23 anos é promovida a Diretora de Artes. De 1994 à 1995 ingressa no curso de Dança Contemporânea na Oficina Oswaldo de Andrade em São Paulo. Em 1996, radica-se em Palmas-Tocantins. Em 1998 ingressa no curso de violão clássico e popular no Espaço Cultural de Palmas. Em 2005 passa a ministrar aulas de pintura acadêmica no Centro de Criatividade da Fundação Cultural de Palmas. De 2006 à 2016 realizou exposições individuais e coletivas nas cidades: Palmas, São Paulo, Brasília e Goiânia. Atualmente faz pesquisas e experimentos em seu ateliê.

Pablo Marquinho

Artista visual. Graduado em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestre em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO). Desenvolve pesquisas e produções em artes plásticas, teatro animação e pocket movies. Seu trabalho se caracteriza pela busca do entendimento das relações do homem com a própria cultura e as reverberações desta na vida social e cotidiana. Atualmente tenta imprimir estas inquietações em desenhos, pinturas e xilogravuras.

Tiago Baraldi

Pesquisa técnicas e materiais em arte. Materiais e técnicas tradicionais, aplicados em experimentos artísticos contemporâneos. Transito em diversas linguagens, da forja e fundição às varias linguagens de gravura, calcogravura, xilogravura, serigrafia, litografia, cianotipia...enfim, um pesquisador de toda ENGENHARIAARTÍSTICA